

5.1. PERFIL DOS TREINADORES DE JOVENS FUTEBOLISTAS NA REGIÃO DE BEJA

Paulo Alexandre Sousa Bacalhau Paixão¹; Manuel Tomás Abad Robles²; Francisco Javier Giménez Fuentes-Guerra²

¹Instituto Politécnico de Beja (Portugal)

²Universidad de Huelva (Espanña)

Introdução

O papel do treinador assume-se como determinante para a qualidade da formação desportiva (Azpillaga, González, Irazusta,&Arruza, 2012; Bettegaet al., 2018; Lledó, Martínez,&Huertas, 2014; Ortega, Jiménez, Palao,&Sainz, 2008; Pazoet al., 2012). O treinador deve cumprir uma serie de requisitos prévios metodológicos, morais e pessoais que o permitam influir positivamente no processo de capacitação dos atletas (Pill, 2012; Taylor, Piper, &Garratt, 2016). As intervenções do treinador tendem a definir os valores humanos e sociais, e também por isso o treinador é o agente primordial na construção dos jovens (Light &Harvey, 2017).O nível de formação e preparação metodológica do treinador é um ponto central da sua capacidade como elemento de transmissão de conhecimentos e como potenciador de competências nos jogadores de futebol, que podem determinar o êxito dos jovens futebolistas (Abad, Giménez, Robles, &Castillo, 2013; Leo et al., 2013; Pulido et al., 2016; Ruiz, 2014; Stoszkowski&Collins, 2017).Desta forma, existe a necessidade de procurar compreender melhor o perfil dos treinadores que diariamente desenvolvem seu trabalho com as crianças e jovens, e entender as carências que persistem neste processo dinâmico que pretende ser de ensino e aprendizagem do futebol (Costa, Samulski, & Costa, 2009; Giménez, Abad, & Robles, 2010; Mesquita, et al., 2010; Vickers&Schoenstedt, 2011). Segundo Abad, Giménez, Robles e Rodríguez (2011), as investigações sobre o treinador de futebol de base são escassas, pelo que se torna necessária a realização de estudos a este respeito. Esta escassez de investigações também

se verifica em Portugal (Cunha et al., 2010), onde foi possível realizar a nossa investigação. Considerando esta necessidade, o presente estudo teve como objetivo estabelecer o perfil dos treinadores do futebol jovem da região de Beja, determinado pelas características sociodemográficas, experiência desportiva e por alguns aspetos da sua formação enquanto treinadores.

Método

Para a recolha de dados foram inquiridos 124 treinadores de futebol de formação pertencentes aos clubes de futebol da região de Beja. A informação foi recolhida através de um questionário em suporte digital que foi previamente construído e validado (Paixão, Abad, & Giménez, 2019). A amostra conseguida foi bastante representativa, uma vez que chegou aos 91.2% do total de treinadores de futebol de formação da região, contabilizados com base em informação oficial da Associação de Futebol de Beja. Desta forma a amostra assegura uma margem de erro inferior a 5% considerada estatisticamente aceite (Abad, Giménez, Robles, & Rodríguez, 2011). Existiu também uma boa representatividade de todos os concelhos da região, que foi proporcional ao número de clubes e número de equipas que os integram, e que refletem o número de treinadores participantes. De uma forma natural, Beja como capital do distrito teve um maior número de treinadores participantes, pois também possui um maior número de equipas. No que diz respeito aos escalões representados neste estudo também podemos dizer que essa representatividade se verifica, com treinadores participantes de todos os escalões de formação existentes, com destaque para o escalão de Iniciados e com uma menor participação dos treinadores de Petizes.

Resultados

Os dados mostraram que o perfil do treinador de futebol juvenil da região de Beja correspondia ao seguinte: a quase totalidade dos treinadores inquiridos são do género masculino (98.4%), com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos (35.5%) maioritariamente, não obstante também existiam muitos

treinadores entre os 20 e os 30 anos (29.8%) e entre os 41 e os 50 anos de idade (24.2%), a maioria eram trabalhadores por conta de outrem (71.8%), as suas qualificações académicas apresentaram grande diversidade, no entanto juntando a via profissionalizante e o ensino regular verificámos que a maioria dos treinadores possuíam o 12.º ano de escolaridade completo (40.4%), é de referir ainda, que apenas 24.1% dos treinadores inquiridos tinham formação superior em Educação Física ou Desporto.

Subsequentemente, apresentamos os resultados que nos permitem aferir de uma forma mais concretamente, aspetos do perfil do treinador do futebol de formação da região em estudo.

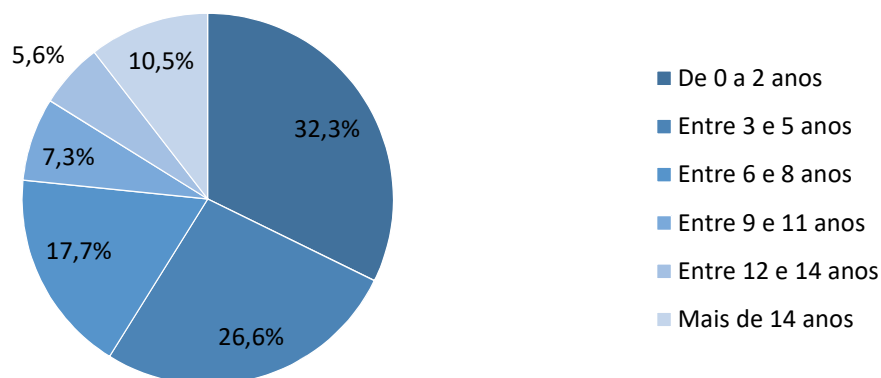


Figura 1 - Experiência como treinador no futebol de formação.

Ao observar os dados obtidos sobre os anos de experiência dos treinadores inquiridos, verificamos que a maioria tinha pouca experiência, onde 40 treinadores estavam a treinar há menos de 2 anos, e mais de 50% dos inquiridos tinham menos de 5 anos de experiência como treinador de futebol de formação. Os treinadores mais experientes, com mais de 12 anos de experiência, representavam uma clara minoria (16%).

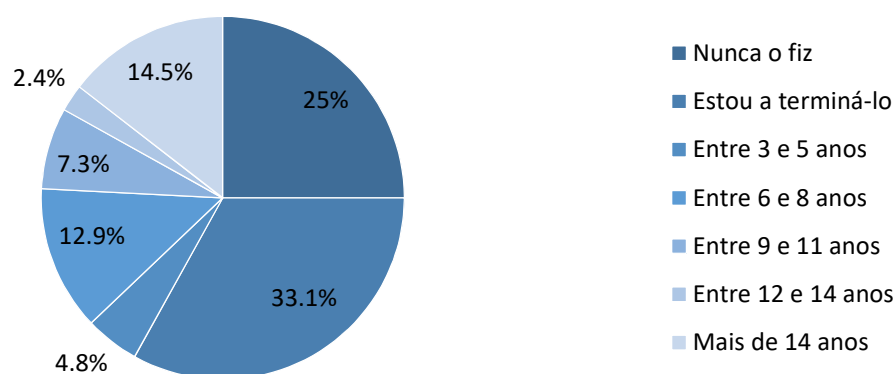


Figura 2 – Anos após o último curso de formação de treinadores.

Podemos verificar no gráfico acima que existia uma grande quantidade de treinadores que estavam desempenhando as suas funções no futebol de formação sem sequer ter o título de treinador (25%). Por outro lado, a maioria dos treinadores inquiridos estavam terminando sua titulação como treinador, já em fase de estágio do curso de treinadores do primeiro Grau (33.1%).

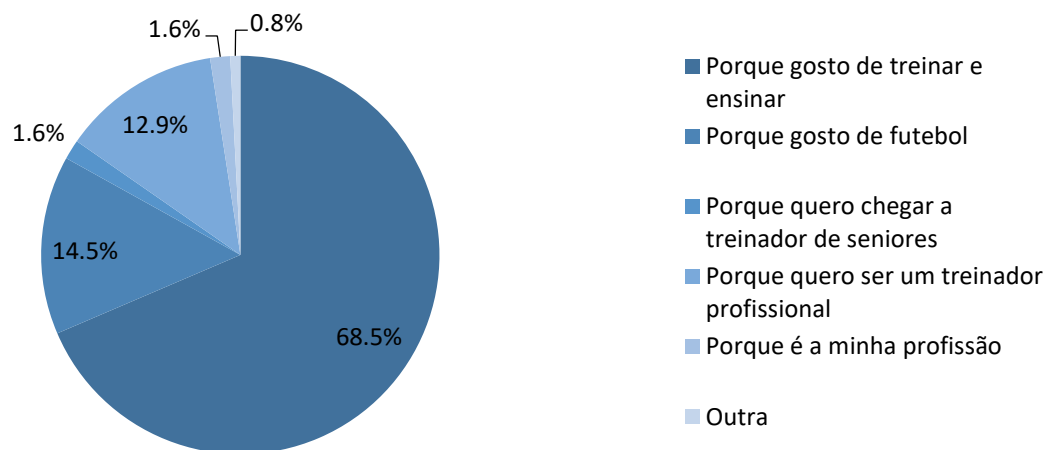


Figura 2 - Principal razão para ser treinador.

Tendo em conta o gráfico anterior podemos identificar facilmente que a maioria dos inquiridos indicaram que eram treinadores porque gostavam de treinar e ensinar, sendo esta a razão mais frequente (68.5%). Contrariamente, temos a

intenção de chegar a treinador de seniores eo facto de ser a sua profissão, apareciam como as menos frequentes (1.6%).

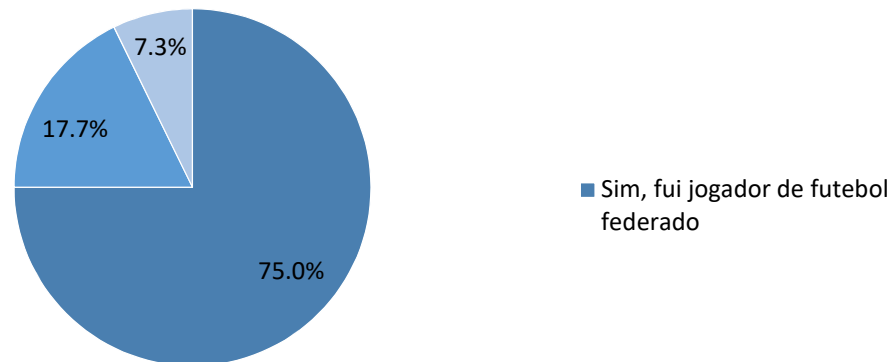


Figura 3. Experiência como jogador de futebol.

Os dados mostraram claramente que 93 treinadores no nosso estudo foram jogadores de futebol federado, o que representa a grande maioria dos treinadores da região. Sendo que, outros 22 treinadores inquiridos ainda jogavam atualmente conciliando com a atividade de treinador e, apenas 9 treinadores não tiveram nenhuma experiência como praticante da modalidade. Por tanto, um total de 92.7% dos treinadores inquiridos foram ou eram jogadores de futebol federado.

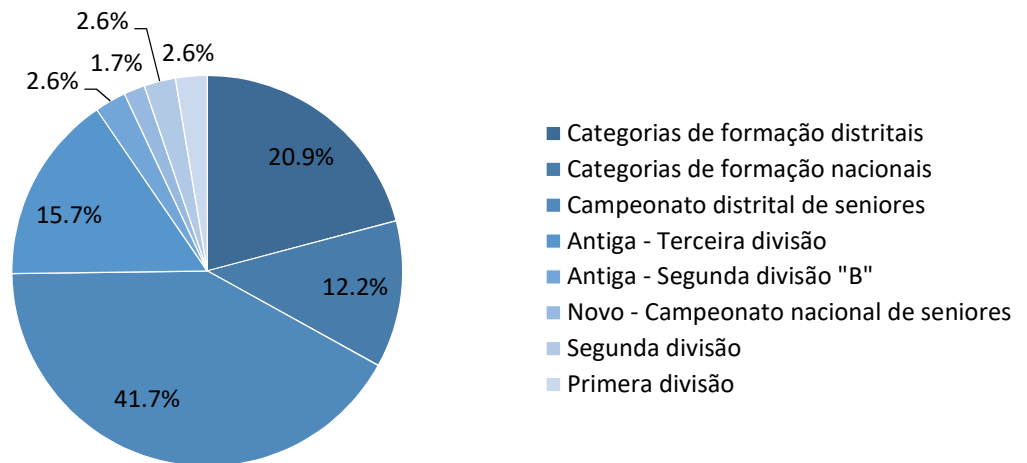


Figura 4. Nível em que competiu como jogador de futebol.

Considerando agora a máxima categoria em que jogaram os inquiridos, podemos perceber que a maioria destes treinadores ($f = 48$) jogaram no campeonato distrital de seniores na sua experiência como jogador, mas também aqueles que jogaram apenas nas categorias de formação representavam uma boa parte destes treinadores (33.1%). Podemos perceber que não eram muitos os treinadores que tiveram a experiência de passar pelo campeonato nacional de seniores da terceira divisão ($f = 18$). Os treinadores que passaram por outras divisões superiores representavam, no seu conjunto, uma pequena minoria (9.5%).

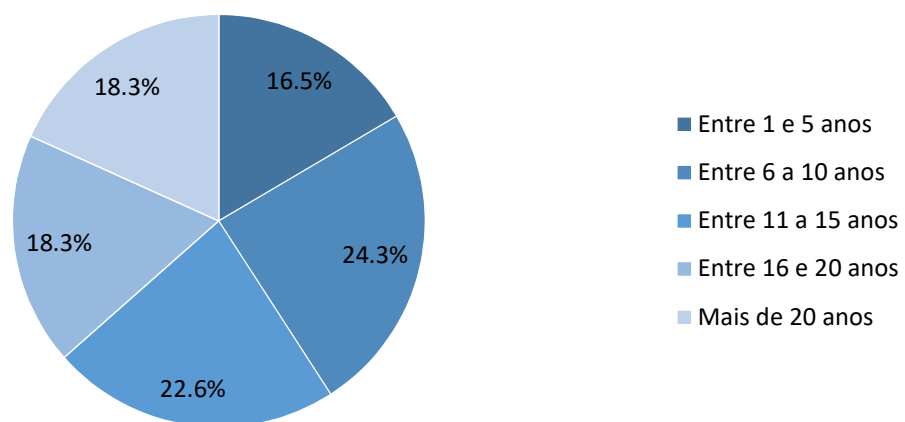


Figura 5 – Anos de prática como jogador de futebol.

Quanto à experiência desportiva do treinador como jogador e considerando os anos que jogou, podemos verificar que os resultados estavam muito distribuídos pelos diferentes intervalos de idade. No entanto, podemos destacar os treinadores que jogaram entre 6 e 10 anos como os mais frequentes ($f = 28$) e os treinadores que jogaram apenas entre 1 a 5 anos são menos frequentes no estudo ($f = 19$).

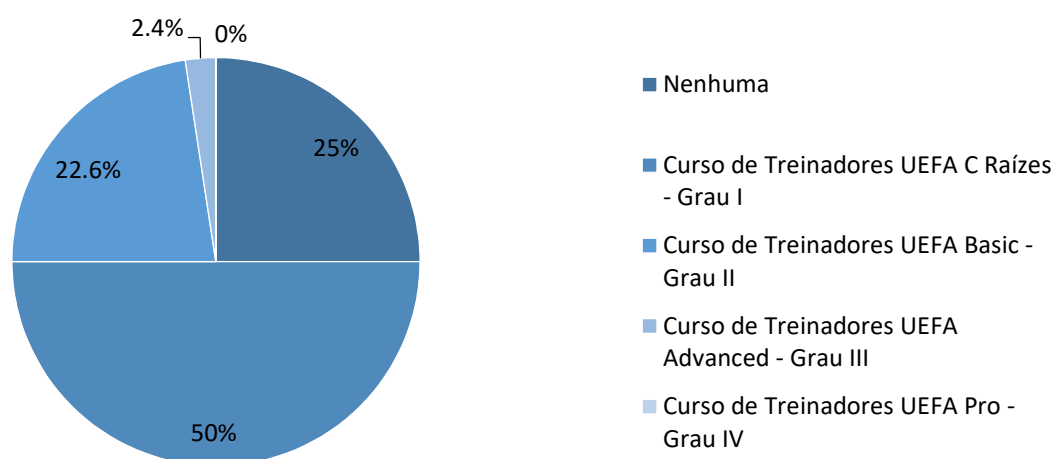


Figura 6- Máxima certificação como Treinador.

Observando o gráfico anterior temos que referir que grande parte dos treinadores que estavam no futebol de formação possuía apenas o Grau I, que é o Grau inicial da sua formação como treinador ($f = 62$), seguidos daqueles que tinham o Grau II ($f = 28$) com menos de metade dos treinadores do primeiro Grau. É de destacar o facto de que ainda existiam muitos treinadores sem ter o curso de treinador que os permitiria exercer estas funções legalmente ($f = 31$). Em quanto aos treinadores com o Grau III, eram uma minoria muito reduzida os que possuem esta formação ($f = 3$). Adicionalmente, devemos destacar que não havia nenhum treinador que trabalhasse no futebol de formação com o curso de Grau IV, que é a máxima titulação como treinador de futebol.

Discussão

Tendo em conta os resultados do nosso estudo, destacamos alguma informação que consideramos mais pertinente. No que se refere aos treinadores inquiridos, apenas 24.1% eram formados em Educação Física ou Desporto, contrariamente ao que foi constatado por Lledó e Huertas (2012), que encontrou uma maioria de treinadores com formação superior na área. Os referidos autores afirmaram mesmo que para existir um correto processo de desenvolvimento do jogador, é necessário aumentar a atuação de treinadores com formação universitária no futebol de formação. Os resultados do nosso estudo revelaram também que 92.7% dos treinadores tiveram experiência como jogadores de futebol federado, maioritariamente durante 6 a 10 anos em divisões distritais. Parece ser importante que o treinador tenha passado pela experiência de jogador, mas é um facto que carece de mais investigação. Mais de 50% dos treinadores estavam no exercício da atividade há menos de 5 anos, onde inclusive maior parte destes treinadores tinha menos de 2 anos de experiência, sendo considerado pouco tempo de experiência. Este facto pode não ser positivo, até porque como refere Cunha et al. (2010), os treinadores com menos experiência reconhecem menos necessidade de formação. No que diz respeito à formação como treinador como um ponto fulcral (Abad, Giménez, Robles, & Castillo, 2013), 58.1% dos inquiridos estavam exercendo as funções sem qualquer título de treinador. Estes resultados contrariam claramente o que foi concluído por Lledó, Martínez e Huertas (2014), que afirmaram que os responsáveis dos clubes de formação tendem a contratar treinadores altamente qualificados. Quanto às motivações dos treinadores e procurando dar resposta a uma indicação de Lledó e Huertas (2012) para futuras investigações, a maioria dos treinadores inquiridos exerciam estas funções no futebol de formação porque gostavam de treinar e ensinar.

Conclusões

Este estudo permitiu traçar um perfil do treinador de jovens na região de Beja e identificar alguns dados que precisam ser alvo de reflexão. Existe a

necessidade de continuar a estudar a figura do treinador pela sua influência no processo de capacitação dos jovens jogadores. Parece haver uma demanda para o aumento da exigência na escolha de treinadores devidamente qualificados para trabalhar na formação. Futuramente seria pertinente que a ferramenta de investigação aqui utilizada pudesse ser aplicada a nível nacional, no sentido de caracterizar a figura do treinador de futebol de formação em Portugal.

Referências

- Abad, M. T., Giménez, F. J., Robles, J., & Rodríguez, J. M. (2011). Perfil, experiencia y métodos de enseñanza de los entrenadores de jóvenes futbolistas en la provincia de Huelva. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 20, 21-25.
- Abad, M. T., Giménez, F. J., Robles, J., & Castillo, E. (2013). La formación de los entrenadores de jóvenes futbolistas. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 9(2), 105-114.
- Azpillaga, I., González, Ó., Irazusta, S., & Arruza, J. A. (2012). Análisis y valoración de la influencia que ejerce el perfil formativo de los entrenadores en jóvenes futbolistas. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 22, 62-64.
- Bettega, O., Scaglia, A., Nascimento, J., Ibáñez, S., & Galatti, L. (2018). O ensino da tática e da técnica no futebol: concepção de treinadores das categorias de base. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 33, 112-117.
- Costa, I. T., Samulski, D. M., & Costa, V. T. (2009). Análise do perfil de liderança dos treinadores das categorias de base do futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo*, 23(3), 185-94.
- Cunha, G. B., Mesquita, I. M. R., Rosado, A. F. B., Sousa, T., & Pereira, P. (2010). Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. *Motriz*, 16(4), 31-41.

- Giménez, F. J., Abad, M. T., & Robles, J. (2010). El proceso de formación del jugador durante la etapa de iniciación deportiva. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 99, 47-55.
- Leo, F. M., Sánchez-Miguel, P. A., Sánchez-Oliva, D., Amado, D., & García, T. (2013). El liderazgo y el clima motivacional del entrenador como antecedentes de la cohesión y el rol percibido en futbolistas semiprofesionales. *Revista de Psicología del Deporte*, 22(2), 361-370.
- Light, R. L. & Harvey, S. (2017). Positive Pedagogy for sport coaching. *Sport, Education and Society*. 22(2), 271-287. doi:10.1080/13573322.2015.1015977
- Lledó, E. & Huertas, F. (2012). Perfil del técnico de fútbol en escuelas de clubes de primera división en la Comunitat Valenciana. *Apunts. Educación Física y Deportes*, 108, 35-45. doi:10.5672/apunts.2014-0983.es.(2012/2).108.04
- Lledó, E., Martínez, G., & Huertas, F. (2014). Perfil del entrenador de fútbol en la etapa escolar en escuelas de clubes de élite de la Comunitat Valenciana. *Cultura Ciencia y Deporte*, 9(25), 57-68.
- Mesquita, I., Isidro, S., & Rosado, A. (2010). Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9(3), 480-489.
- Ortega, E., Jiménez, J. M., Palao, J. M., & Sainz, P. (2008). Diseño y validación de un Cuestionario para valorar las Preferencias y satisfacciones en Jóvenes jugadores de baloncesto. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 8(2) 39-58.
- Paixão, P., Abad, M., & Giménez, J. (2019). Diseño y validación de un cuestionario para estudiar la formación de entrenadores de fútbol base. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 35, 294-300.
- Pazo, C. I., Sáenz-López, P., & Fradua, L. (2012). Influencia del contexto deportivo en la formación de los futbolistas de la selección española de fútbol. *Revista de Psicología del Deporte*, 21(2), 291-299.
- Pill, S. (2012). Teaching Game Sense in Soccer. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 83(3) 42-52. doi:10.1080/07303084.2012.10598746

- Pulido, J.J., Sánchez-Oliva, D., Sánchez-Miguel, P.A., Leo, F.M., & García-Calvo, T. (2016). Influencia de la formación de los entrenadores sobre la motivación de los deportistas. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 16(64) 685-702. doi:10.15366/rimcafd2016.64.005
- Ruiz, G. (2014). ¿El buen entrenador nace o lo hace el deportista? El camino hacia el alto nivel en triatlón. *Revista de Psicología del Deporte*, 23(2) 377-386.
- Stoszowski, J. & Collins, D. (2017). Using shared online blogs to structure and support informal coach learning—part 1: a tool to promote reflection and communities of practice, *Sport, Education and Society*, 22(2) 247-270. doi:10.1080/13573322.2015.1019447
- Taylor, W. G., Piper, H., & Garratt, D. (2014). Sports coaches as 'dangerous individuals'-practice as governmentality. *Sport, Education and Society*.
- Taylor, W. G., Piper, H., & Garratt, D. (2016). Sports coaches as 'dangerous individuals'-practice as governmentality. *Sport, Education and Society*, 21(2) 183-199. doi:10.1080/13573322.2014.899492
- Vickers, B. & Schoenstedt, L. (2011). Coaching development: Methods for youth sport introduction. *Strategies: A journal for Physical and Sport Educators*, 1, 14-19.